

“PROCURANDO O ALÉM DOS OLHOS”: A ALUSÃO E A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR NA CONTEMPORANEIDADE EM “POR PARTE DE PAI” E “O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ”, DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

MARIA LIGIA ANDRADE CASTRO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC).

Resumo

Este trabalho reflete o objetivo da investigação que desenvolvo: a produção de sentido no texto literário a partir da teoria da alusão, proposta por Torga (2001). Tal perspectiva possibilita compreender como as categorias da memória, metáfora, metonímia e silêncio, constituidoras do jogo alusivo, contribuem para a construção da representação do leitor infanto-juvenil na contemporaneidade. Busca-se, para tanto, identificar nos textos de Bartolomeu Campos Queirós, mais especificamente, em “Por parte de pai” e “O olho de vidro do meu avô”, as estratégias textuais que indicam a ação responsiva do leitor, permitindo (ou não) a este o papel de preencher as lacunas e os não ditos inerentes ao texto literário, caracterizado como “uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça a parte do seu trabalho” (ECO 1994, p.9). A alusão, dessa forma, constitui-se como mediadora do diálogo que se estabelece entre autor, texto e leitor, permitindo a compreensão do processo e do produto na construção do sentido do texto. O estudo toma como referencial teórico os pressupostos de Bakhtin, Eco, Campos, Kosik e Torga, dentre outros e se justifica por mostrar a possibilidade de análise de textos literários a partir da articulação entre o linguístico-semântico e o literário com a alusão, compreendida aqui como estratégia de leitura e de representação do leitor na contemporaneidade

Palavras-chave:

alusão, leitura processo/produto, representação de leitor.

“Ler é configurar uma terceira história”

(Queirós, 1999)

Introdução

Minha pesquisa para dissertação de mestrado busca delinear o projeto de leitor ou leitor-modelo, previsto pelo autor-modelo de Bartolomeu Campos Queirós em duas de suas obras: *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*.

Nessas obras percebe-se o caráter dialógico da linguagem, já que as narrativas apresentam vários não-ditos, lacunas e silêncios que, no nosso entendimento, seriam estratégias textuais de escrita visando que o leitor as signifique ao utilizar a alusão como uma das estratégias de leitura.

Dessa forma, quando o autor-modelo do autor empírico imagina certo leitor que contribua para o andamento da narrativa, acreditamos que, neste momento, ocorre uma representação de leitor e essa representação contemporânea do sujeito leitor revela a defesa da leitura como atividade interativa, sendo que o leitor participa da construção do sentido.

A alusão, nesse estudo, não é compreendida da forma convencional, ou seja, como uma mera referência que a configura "como uma categoria fraca de intertextualidade" (WALTY, PAULINO e CURY, 1995, p. 29), mas da forma defendida por Torga (2001) que vê a alusão como mediadora dos movimentos de ir e vir, devir, exigindo do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída, pela cooperação.

Assim, a hipótese que norteia a pesquisa ora desenvolvida é que a representação de leitor prefigurada pelo autor-modelo de Bartolomeu Campos Queirós é aquele que faz o jogo alusivo.

Pressupostos Teóricos

Falar da imagem de um leitor que é pensada no ato da escrita nos remete às idéias de ECO (1986; 1994), especificamente às obras *Lector in fábula* (1986) e *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994). Nesses textos, Eco reflete sobre o processo de escrita e de leitura, afirmando que "o leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar histórias, como também da própria história" (1994, p.7).

Eco (1994) fala que os textos literários não têm como dizer tudo sobre o mundo ficcional que apresentam e, por isso alude a ele e pede ao leitor que preencha uma série de lacunas, pois o texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça a sua parte.

Para fazer a máquina-texto funcionar, ou seja, construir sentidos sobre o que lê, o leitor, segundo ECO, sempre faz escolhas e atualiza o texto, participando cooperativamente da construção da história que se apresenta a ele no momento da leitura.

Segundo ele, o próprio texto busca criar e prevê certo estilo de leitura e de leitor, ao qual ele denomina de leitor-modelo. Em contrapartida, denomina de autor-modelo as estratégias narrativas, o estilo de escrita do autor empírico. O autor-modelo seria "um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo" (Idem, p. 21).

Eco defende que quando o autor produz o texto, ele se move gerativamente, imaginando, de antemão, como o seu leitor se movimentará interpretativamente no texto. Para explicar melhor essa idéia, esse autor utiliza a metáfora do exército, dizendo que:

"...um texto é um jogo de estratégia mais ou menos como pode ser a disposição de um exército para uma batalha. Napoleão dispõe seus soldados em Waterloo, procurando imaginar um modelo da mentalidade do duque de Wellington: "O duque de Wellington deve ser um sujeito que raciocina de tal modo. Para levá-lo a raciocinar de tal modo, disponho meus soldados de maneira a imaginar uma imagem de Napoleão como a que eu tento oferecer-lhe através da disposição das tropas. Se meu jogo tiver êxito, o duque de Wellington reagirá de modo a fazer triunfar meu texto estratégico". Naturalmente, também o duque de Wellington encontra-se na mesma situação. A história nos diz que o texto mais interessante foi aquele imaginado pelo duque de Wellington, que obrigou Napoleão a comportar-se como estrategista-modelo proposto pelo duque de Wellington, ao passo que o duque de Wellington não se comportou como o estrategista-modelo imaginado por Napoleão" (ECO,1984:99)

A partir dessa metáfora, entende-se que a imagem do leitor é criada na tessitura do próprio texto. Contudo, o leitor pode corresponder às expectativas do autor-modelo, comportando-se como leitor-modelo e realizando uma leitura simétrica, ou pode não corresponder ao autor-modelo e realizar uma leitura assimétrica. Como nos revela Campos:

"...as relações dialógicas como relações construídas com a linguagem, são marcadas pela semelhança e pela diferença que circulam pelo trabalho de escrever e de ler o texto, pela simetria e pela assimetria que marcam a relação do escritor e do leitor na presença e na ausência da sintonia que os aproxima e os distancia, pelo conflito que marca o espaço da escrita e da leitura, pela tensão que perpassa o escrever e o ler." (CAMPOS, s.d: 5)

Desse modo, entende-se que a leitura como espaço de interação entre locutor e alocutário, no qual as estratégias textuais de escrita prefiguram estratégias textuais de leitura, que são denominadas por Umberto Eco de autor-modelo e leitor-modelo.

A significação, por conseguinte, se estabelece no processo que se constrói na interação entre autor-texto-leitor. O sujeito leitor é princípio ativo da interpretação, cabendo a ele o preenchimento da incompletude constitutiva dos textos.

Falar da interação autor-texto-leitor nos remete também a Bakhtin e suas idéias sobre a interação verbal e dialogismo. A interação verbal para Bakhtin não se resume a diálogos. Segundo Stan

"Qualquer texto literário, enquanto desempenho verbal impresso, constitui uma forma de ação verbal, calculada pela leitura ativa e respostas internas, e para reação impressa por parte de críticos, e pastiche ou paródia por outros escritores." (STAN, 2000, p. 34)

Para o filósofo russo, a interação verbal é a realidade da linguagem, uma vez que a palavra se dirige sempre a um interlocutor. Segundo ele:

"... toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor." (BAKHTIN, 1999, p.113).

Nesse sentido, as idéias de Eco coadunam-se com as de Bakhtin, pois assim como para o primeiro o leitor é pensado na elaboração do texto, para o segundo autor, o locutor nunca age sem pensar no alocutário. Assim, a leitura inscreve-se também como espaço de interação entre sujeitos socialmente situados e a leitura, nessa perspectiva tem seu (s) sentido (s) construído (s) na interação que se estabelece entre autor e leitor, mediados pelo texto, sendo que o leitor é co-

produtor de sentido, assumindo papel ativo no processo, praticando a ação responsiva, apreendida por Bakhtin.

Na teoria bakhtiniana, o interlocutor, no nosso caso o leitor, ao compreender o significado de um texto ou enunciado estabelece uma posição responsiva, isto é, concorda ou discorda, podendo completá-lo, participando assim ativamente da construção de sentido

Toda compreensão de uma fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso): toda compreensão é premissa de resposta e nesta ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna o falante. (BAKHTIN, 2003, p. 272)

Ainda segundo SOUZA (1994) o sentido construído na compreensão ativa e responsiva é o traço de união entre os interlocutores, o que caracteriza a dimensão dialógica da linguagem.

Segundo essa dimensão dialógica, como nos diz Diana Luz Barros (1996) "o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e interpretação dos textos"

O leitor, dessa forma, atua como o sujeito que pode operar na excedência de visão, possibilitada pela ação interativa da leitura.

É nessa perspectiva dialógica de linguagem que se insere a proposta de TORGA (2001) de uma teoria de leitura da alusão. Para esta autora,

A alusão, estratégia textual, construída como ação de linguagem, indicia que há movimento de deslocamento do autor/leitor na busca da construção interativa de sentido nas ações do "um" e do "outro", o que se dá via excedência de visão. (...) o processo alusivo, por se constituir no jogo da reprodução e da transformação de sentidos, constitui aquele excedente, ou seja, aquele projeto de sentido que vai além dos sentidos estabelecidos, constituído pelo cruzamento de sentidos de enunciações diferentes. (TORGA, 2007, P.194-95)

Essa mesma visão é compartilhada por Campos que fala sobre o binômio escritor/leitor da seguinte maneira

"(...) o escritor escreve fragmentariamente, cabendo ao leitor a tarefa de ir preenchendo os vazios que moram nos fragmentos, seguindo as trilhas do estilo da alusão: de parte em parte, de fragmento em fragmento, um outro texto vai sendo articulado com a voz de quem deixa os fragmentos e com a voz de quem os articula na constituição de um certo arranjo de sentido. Assim o texto, como prática da mediação, é esse encontro e desencontro do *um* e do *outro*. É o tecido que vai sendo fechado, sem ser encerrado, é um novo texto, resultante da ação recíproca dos agentes que vão construindo a ponte ou as batalhas do exército através da conquista recíproca das posições vividas por tais agentes." (CAMPOS, 2005: 174-175)

A alusão, nesse sentido, daria conta da incompletude característica do texto literário e, como teoria de leitura, através do delineamento do autor e leitor-modelo possibilita perceber o processo e o produto na construção de sentidos do

texto, mostrando como se compõe e se recompõe os interstícios textuais - espaços em branco das narrativas ficcionais.

Para abordar o fenômeno da alusão nessa perspectiva, é necessário o suporte teórico-metodológico da fenomenologia dialética (KOSIK, 1995), a qual mostra que tudo está em constante movimento, transformando-se incessantemente.

Segundo Torga (2001) o método fenomenológico dialético apresenta sintonia com a investigação da alusão como estratégia de leitura por ambos apresentarem o caráter do movimento que é essencialmente dialético, mostrando que o conhecimento de qualquer fenômeno requer um movimento espiralado e não unilateral ou linear.

Segundo Kosik (1995) o fenômeno não se manifesta imediatamente, para compreendê-lo é necessário um *détour*, um esforço para perceber a essência, que não está na percepção imediata. Assim é a alusão enquanto fenômeno a ser pesquisado: para percebê-la é necessário ir das partes ao todo, dos fragmentos à aparente completude textual.

Para fazer o jogo alusivo, o leitor necessita realizar o *détour*, o giro analítico, buscando nos indícios, no que não está aparente, explícito no texto, recompor as lacunas deixadas pelo autor-modelo, relacionado as partes com o todo para construir sentidos sobre o que lê.

Com a alusão, segundo Torga (2001), a constituição de um sentido se estabelece na relação dialógica e dialética todo/parte/todo. Através das categorias da metáfora, metonímia, silêncio e memória, que operacionalizam a alusão, as partes vão revelando o todo, o fenômeno vai revelando a essência: os sentidos ocultados que vão sendo desvelados pelo olhar do leitor.

Embora ainda se encontre em desenvolvimento, a pesquisa tem nos indicado que a alusão se configura como uma das estratégias textuais de leitura da obra de Bartolomeu Campos Queirós.

Percebe-se nas falas do escritor mineiro, em textos e entrevistas, a crença na leitura como atividade dialógica, que abre espaço para a participação do leitor na construção de sentidos do que lê.

Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor.

(...)

Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. (QUEIRÓS, 1999)

Na obras que compõem o *corpus* da pesquisa que desenvolvo, nota-se que, sobre a aparente condição de texto de memória, Bartolomeu Campos Queirós alude em

muitas passagens à própria questão da criação ficcional, do ato de escrever, de criar mundos.

Ressaltamos, também, que as obras investigadas dialogam entre si. O narrador-personagem que revisita a infância ao longo dessas duas narrativas revela ser o mesmo menino. Nota-se que, o narrador faz alusões a personagens que participaram de sua vida, como pode ser verificado nos trechos abaixo

" Jeremias ciscava solto por todo canto. (...) cego de um olho! Seu mundo se dividia em luz e trevas. (PPPai, p. 28)

" A falta de olhos sempre me perseguiu. Tive um galo que se chamava Jeremias. Como meu avô, ele só via um lado do mundo. (OVMA, p. 14)

" Minha mãe deixou o olho de vidro de seu pai. Ela guardava o olhar com tanto zelo e agora estava sem dono" (PPPai, p. 31)

"meu avô não deixou herança a não ser sua história (...) para mim, depois de passar de mão em mão, restou seu olho de vidro (...)" (OVMA, p. 46)

Em "O olho de vidro do meu avô" (OVMA), o menino-narrador adulto apresenta a vida do avô materno que, por ser cego de um olho, utilizava um olho de vidro por vaidade. A imagem desse olho falso, sem vida, imóvel é abordado em metáforas que exploram o poder dele e alcançar o inimaginável, a fantasia, podendo ser compreendido como uma alusão do próprio fazer ficcional, sendo o olho que enxerga o que os sentidos não alcançam.

" O que o seu olho de vidro não via, ele fantasiava. E inventava bonito, pois eram da cor do mar os seus olhos. E todo mar é belo por ser grande demais. Tudo cabe dentro de sua imensidão: viagens, sonhos, partidas, chegadas (...) Devia ser sem tamanho seu olhar de vidro. Ele parecia conhecer até o depois dos oceanos." (OVMA, p. 6)

"Com o olho do desejo ele inventava. Com o olho da verdade ele só via o que já existia" (OVMA, p. 37)

Em "Por parte de Pai" (PPPai) apresenta-se a profunda relação do menino-narrador com o avô paterno, que tinha o costume de escrever nas paredes os acontecimentos importantes da vida, condensando-os em pequenas frases cheias de significação.

'As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página. (PPPai, p. 11)

"Eu já sabia decifrar a língua dos dromedários, agora, com meu avô, aprendia a dizer uma coisa para valer outra. Lembrei-me do canto da parede, onde estava escrito: ' Para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra". (PPPai, p. 63)

"Passei os olhos pelas paredes conferindo as páginas e minha memória. Eu sabia cada pedaço, cada margem, cada entrelinha desse livro." (PPPai, p. 72)

Nos fragmentos das duas obras, percebem-se alusões à leitura, à criação ficcional, à compreensão e decifração de um mundo que vai se tornando mais nítido para o menino-narrador adulto e também para o leitor dessas obras.

Considerações finais

Se o autor empírico Bartolomeu Campos Queirós acredita, como revela a epígrafe desse texto, que ler é configurar uma terceira história, a representação que ele faz do leitor é a de um sujeito que age como co-autor do texto, inscrevendo-se na paisagem da narrativa para significá-la.

Esse autor também nos revela que "**Escrever é procurar parceiros para decifrar a intensidade dos mistérios**. Escrever é "não saber" e recorrer ao leitor para nos ajudar a decifrar o mistério que inaugura o escritor." (QUEIRÓS, 2009).

Dessa forma, é que tomamos como hipótese, ainda não comprovada, que esse leitor-modelo requerido pelo autor-modelo de Bartolomeu é o que faz o jogo alusivo, o qual possibilita significar os silêncios e metáforas da superfície textual para transver o mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e Filosofia da Linguagem; problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes. 1992.

_____. *Estética da comunicação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz P. *Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso*. In FARACO, C. Alberto et al (org). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

CAMPOS, E. Nascimento. *A dimensão dialógica da linguagem*. (xérox)

CAMPOS, Edson Nascimento. Texto e interação: o estilo - estratégia textual. In: PERES, Ana Maria Clark ; PEIXOTO, Sérgio Alves e OLIVEIRA, Silvana Pessoa. *O Estilo na Contemporaneidade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.p.167-180

- ECO, Umberto. *Conceito de Texto*. São Paulo: T. A. Queiroz/Ed. Da USP, 1984.
- ECO, Humberto. *Lector in Fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. . São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KOSIK, karel. *Dialética do concreto*. Trad. Neves, Célia e Toríbio, Alderico. 6ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- PAULINO, Graça e WALTY, Ivete. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Ed. LÊ, 1995.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Por parte de pai*: Belo Horizonte: RHJ Editora, 1995.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *O livro é passaporte, é bilhete de partida*. In: In: PRADO, Jason e CONDINI, Paulo. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *O olho de vidro do meu avô*. São Paulo: Moderna, 2004.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. <http://www.ecofuturo.org.br/comunicacao/publicacoes/bartolomeu-campos>. Acessado em 17-06-09
- STAN, R. *Bakhtin - da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.
- SOUZA, J. S. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico).
- TORGA, Vânia L. M. *O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual de leitura do livro "Ler, escrever e fazer conta de cabeça", de Bartolomeu Campos Queirós*. (Dissertação: Mestrado em Estudos Lingüísticos). FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- TORGA, Vânia L. M. *"Aludir é melhor que nomear": a leitura e a alusão no texto literário*. In. Revista A Cor das Letras - UEFS, n. 8, 2007.
- TORGA, Vânia L. M. *Crônicas de Machado de Assis - pra quem sabe lê, um "pinguê" ...* In. Anais do Encontro Regional da ABRALIC 2007.

